



# Os dois princípios do funcionamento psíquico

*Suad Haddad de Andrade\*, Ribeirão Preto*

*Desde o texto clássico de Freud de 1911 até hoje o corpo teórico psicanalítico tem se ampliado muito, o que fortalece nossa atuação clínica. Mas as mudanças sócio culturais e de mentalidade têm sido surpreendentes e desafiadoras também para nós psicanalistas. O individualismo ou a fuga da vivência emocional compartilhada têm se acentuado, o que não tem diminuído o sofrimento psíquico. Uma das possibilidades que nos ocorre é a de olharmos o comportamento aparentemente descompromissado dos nossos jovens, não como apatia ou desinteresse e sim como um protesto e um pedido desesperado de socorro.*

*Descritores: Realidade. Prazer. Mundo interno. Mundo externo. Mecanismos de defesa.*

---

\* Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto.



O Ego combate em duas frentes: tem de defender sua existência contra um mundo exterior que o ameaça com a aniquilação, assim como contra um mundo interno que lhe faz exigências excessivas (Freud, 1938).

Desde os filósofos mais antigos vivemos lidando com a questão do prazer e da felicidade; todos são unânimes em colocar a gratificação no centro das questões humanas. Sem gratificação não sobrevivemos. Por outro lado temos os desejos, aquisição que nos fez humanos, nos diferenciando dos animais e possibilitando a construção da mente pensante – os desejos estão sempre presentes, buscando serem atendidos. Cabe então a questão: temos que aumentar as possibilidades de gratificação ou temos que diminuir os desejos? Já Epicuro aconselhava: “Se queres enriquecer, Pitocles, não lhe acrescentes riquezas: diminui-lhe os desejos”. No texto clássico *Formulações sobre os dois princípios* (1911), Freud coloca os temas básicos: as transformações do ego, a adaptação à realidade, a passagem do autoerotismo ao amor objetual e o pensar como substituto da ação. Em trabalhos posteriores ele vai desenvolver estes temas e novos conceitos serão trazidos por ele e pelos psicanalistas que o seguiram. É central, para Freud, neste trabalho, examinar como se constrói o psiquismo na relação com a realidade. Mas ele já toca na questão, muito atual e não decidida: é a cultura que nos faz infelizes, ou são nossas dificuldades internas que prejudicam as gratificações? No *Esboço de psicanálise* (1938), vinte e sete anos depois, ele diz: “Seja o que for que o ego faça, em seus esforços de defesa, procure ele negar uma parte do mundo externo real ou busque rejeitar uma exigência instintiva oriunda do mundo interno, o seu sucesso nunca é completo e irrestrito” (p. 217-218).

Inicialmente o conflito, para Freud, ocorria entre o desejo de gratificação da sexualidade e as interdições externas, daí a necessidade da repressão. Mesmo quando ele passou a ver que os maiores embates ocorrem entre as pulsões de vida e de morte, a repressão continuou a ser, para ele, a defesa central. Na neurose, diz ele, o ego suprime um fragmento do id para estar de acordo com a realidade. Predomina então a influência da realidade, e nossa dependência da realidade é aceita. Já na psicose, o ego, a serviço do id, reconstrói um fragmento da realidade. É o id que sai vitorioso – na psicose a realidade é rejeitada. Neste conflito permanente estão envolvidos nossos mecanismos de defesa. A repressão, que Freud considerava como um recurso básico, é um mecanismo “eficaz e inadequado”, nos diz ele. Outros mecanismos de defesa importantes serão apontados depois pelo próprio Freud e pelos psicanalistas posteriores. Klein (1952) nos apresentou defesas, anteriores à repressão, também eficazes e inadequadas. Sem dúvida, lidar



com nossa realidade interna, com nossos desejos, com as pressões por gratificação, com os limites que a natureza nos impõe é difícil. Precisamos recorrer à onipotência, à onisciência, precisamos nos acreditar autossuficientes e autônomos, precisamos recorrer a crenças e até negarmos nossa finitude. Precisamos aceitar estes recursos defensivos e recorrer a eles muitas e muitas vezes ou não damos conta da vida. Mas, felizmente, todas as defesas são sempre inadequadas. A defesa que fosse totalmente eficaz e onipresente só nos afastaria de nós mesmos, de nossa realidade. É de Freud (1938) a afirmação de que “[...] muito dos bens altamente valorizados de nossa civilização foram adquiridos à custa da sexualidade e através das restrições das forças motivadoras sexuais” (p. 229). A capacidade de contensão é um recurso precioso; é sua ausência o maior dos riscos. Ele diz ainda: “O ego deve sua origem, como a mais importante de suas características adquiridas, à sua relação com o mundo externo real” (p.234). Coube a M. Klein (1946) complementar e ampliar estes conceitos de Freud: para ela a nossa luta é interna, e o mecanismo de defesa mais importante passou a ser a projeção; nossos aspectos internos indesejáveis, sendo projetados nos objetos externos, tornam o desconforto interno mais tolerável. As pressões internas dos impulsos de vida e de morte, que nos envolvem nos movimentos de projeção e introjeção, irão nos mobilizar e nos ajudar a construir o mundo em que vivemos, física e culturalmente.

Então, tentamos manter o prazer a todo custo enquanto lutamos para preservar o que nos é útil. A acomodação à realidade nos dá muito trabalho, e por isto a impressão de que é a realidade o nosso maior problema. Mas temos que estar sempre atentos: qual realidade, a externa ou a interna? É o social que nos leva a esta postura atual individualista com a abolição da subjetividade? E nossos recursos internos, como os usamos, como cuidamos deles?

Temos desejos porque somos humanos; saber de nossos desejos e buscar satisfazê-los é absolutamente humano. Somos humanos porque escolhemos e vamos atrás de nossos sonhos. E é aí que esbarramos com os limites, internos e externos. Portanto é a realidade que aponta meus limites e também me dá a conhecer e me ajuda a definir minha dimensão. Ela me permite saber quem eu sou. Como fomos premiados com os desejos, ficamos a mercê dos sonhos. Os sonhos podem nos levar a acreditar que temos poderes, que somos deuses. A realidade é a mãe que nos contém, e como a mãe, nós a odiamos e amamos.

É de nossa natureza o permanente caminhar em busca da realização pessoal; vivemos em processo de individuação, de definição pessoal, de definição de nossas características e peculiaridades próprias. Mas isto não ocorre sem que o outro esteja sempre incluído. A alteridade se impõe ao nascermos. Brota de dentro de nós a necessidade ou a exigência de levarmos em conta o outro, ou de estarmos



atentos e prontos para viver com o outro e a mercê do outro. O outro é fundamental na medida em que ele me define; o outro me oferece a possibilidade de eu *saber* e *ser* quem sou. Ficamos muito inseguros e nada satisfeitos quando nos deparamos com nossas limitações e também com nossas necessidades e dificuldades; o temor, sempre, é de não sermos capazes ou não contarmos com recursos pessoais para suportarmos as frustrações. Se pudermos conter a necessidade de gratificação imediata, se pudermos suportar a pressão do desejo e da necessidade premente de satisfação, se a atividade de pensamento for mobilizada, novos recursos surgirão. Quando podemos usar de nossas experiências, de nossa memória podemos suportar melhor as frustrações, já que as ligações, que pareciam perdidas, serão agora mobilizadas. Pensar é isto: associar, lembrar, ligar.

Não dá para negar a pressão cultural, a pressão da globalização, do consumismo; não dá para negar que nossas crianças estão cada vez mais exigidas e arrastadas a serem cópias de adultos desde muito cedo. Mas também não dá para precisarmos onde entramos, cada um, com nossas necessidades, nosso narcisismo, nossa indiferença, nossa indefinição e nossas violências camufladas.

A verdadeira insatisfação, a insatisfação latente, hoje, fica muitas vezes encoberta. Sempre que o paciente insiste em suas queixas dos outros ou de pressões externas, precisamos ficar atentos para não cairmos na mesma armadilha que ele monta para si próprio. A pergunta que precisamos fazer é: o que o desagrada dele mesmo que ele não pode ver? Um paciente não conseguia entender por que fantasias sexuais muito agressivas tomavam conta de sua cabeça a ponto de ele não poder trabalhar. Nossa pesquisa mostrou que, sempre que sua esposa tinha sucesso no trabalho, ele partilhava muito da satisfação dela – mas não só! Na verdade uma grande inveja era mobilizada dentro dele e sua violência comparecia nas fantasias sexuais. O medo da incapacidade, de qualquer tipo, na nossa cultura, é uma ameaça terrível. Temos que ter sucesso, muito sucesso! E o sucesso do outro me ameaça.

Elisabetta Gennari de Rocca (2000), psicanalista argentina, chama atenção para dois aspectos fundamentais de nosso tempo: o ataque ao pensamento e a desvalorização da história. Freud combateu a repressão excessiva, e a nós cabe nos defrontarmos com a violência atual, que traz em si uma proposta cultural onipotente. Rocca mostra ainda que vivemos uma culpa que nos é inerente, mas “existem aspectos da cultura que tendem a incrementá-la” (p. 67). E como consequência temos a negação da morte e a negação da vida – se a história tende a desaparecer, o futuro fica sem sentido, já que não existe a possibilidade de reparação e de esperança, tem-se que viver o momento. O ataque ao pensamento é concomitante ao aniquilamento do sentido da história, nos diz ela.



O enquadre histórico-familiar-cultural nos exige muito, mas também nos protege, além de nos possibilitar desenvolvimento, realização e criatividade. E aí entra também a questão da subjetividade, na medida em que a subjetividade é a experiência de si, não como um ser isolado, mas a experiência de si mesmo inserido no ambiente. O culto da individualidade é uma maneira de se desvincular de suas raízes com a crença de que se alcançará a independência, a liberdade. Para que serve a liberdade irrestrita e a independência, se não há desejo, se não há projetos? E como se diferenciar, ser único, se o objetivo não é se construir, mas apenas aderir a um grupo que também não tem projeto nem futuro? É assim que eu vejo o mundo atual: há uma necessidade de se desfazer do passado e não há nenhum interesse em se construir o futuro. É a isto que chamamos de abolição da subjetividade, na medida em que não me penso e não sei exatamente o que quero e o que me serve; o importante é atingir o lugar que é definido pelos outros como sendo valioso, sem o questionamento se é realmente bom, ou se é o que realmente quero.

Por outro lado nossa inserção social está sempre ligada à história do grupo. Por exemplo, a paciente me diz, muito admirada: “Eu aceitei o cargo na diretoria de minha instituição. Nem acredito! Outras vezes já me ofereceram e eu ficava apavorada e não aceitava. Mas sabe, estou achando bom e estou com muitas ideias.” O que ela não sabe, mas sabe, é que ela pertence a esta família (a instituição). Enquanto menina não podia ocupar o lugar da mãe; mas agora ela cresceu, já aprendeu muitas coisas, seu corpo e sua mente já se desenvolveram e ela sente que pode cuidar da casa. Isto a está assustando e ao mesmo tempo lhe traz prazer porque ela está dando continuidade a seu percurso e ao percurso da “família”. Ela vai assim realizar seus projetos, que também são do grupo. Este sempre é o objetivo implícito quando pertencemos a qualquer grupo que tem uma história e tem projetos. Se não temos inserção, não temos o que desejar ao nível grupal e não temos por que nos preocupar com o futuro.

A informática, as telecomunicações, toda este universo de comunicação generalizada tem um aspecto extraordinariamente benéfico, já que nos conscientiza da inexistência de verdades definitivas e completas e possibilita o respeito ao novo e ao diferente. Por outro lado, a valorização da rapidez, da eficácia, do sucesso a todo custo vem acompanhada de uma impossibilidade de reflexão, de pensamento, conforme nos mostra Rocca (2000). E mais: a busca de uma vida perfeita, sem sofrimento e todos os meios para se alcançar isto não respeitam a individualidade, a maneira de ser e o valor pessoal inerente a cada um. Daí a autora nomear a nossa sociedade atual de fálico-narcisista, na medida em que



“potencia o demoníaco atrativo da completude” que está de alguma forma sempre presente.

Quando os interesses ficam muito limitados, quando ocorrem restrições exageradas nas quais nada merece ser cuidado ou desenvolvido, quando os processos de sublimação e simbolização não se expandem, temos que pensar que o mundo interno está empobrecido ou desorganizado. A dificuldade em identificarmos os sentimentos, em nós e no outro, é uma questão importante principalmente pelo fato de que são as relações humanas que provocam ou fazem emergir as emoções. É a interação constante com pessoas e interesses no mundo que mobiliza e possibilita o desenvolvimento mental. Logo, a falta de interesse pelos outros ou pelo que ocorre a nosso redor bloqueia o nosso desenvolvimento. O que é a posição depressiva senão a ampliação de nossos interesses? Na medida em os objetos internos passam por uma reformulação dentro de nós, ficamos aptos a criar, reformular, ampliar. Revisamos nossas versões sobre os outros e sobre nós mesmos e, conseqüentemente, nosso universo se amplia. Quando isto não acontece, quando os aspectos fragmentados e incoerentes predominam, estamos falando da posição esquizo-paranóide, que é exatamente a vivência em que o distanciamento da realidade externa e interna predomina. Quando nos deparamos com aspectos emocionais e atuações egocentradas, parece óbvio que não estamos podendo sair desta posição narcisista para uma vivência cooperativa, participativa e emocionalmente ampliadora e gratificadora. E sabemos por que: é exatamente dentro desta organização mental paranóide que as ansiedades persecutórias predominam; se ficamos fechados, isolados e não partilhamos, é porque estamos muito ameaçados.

Vivemos hoje uma dificuldade de discriminação importante que passa despercebida muitas vezes e que, a meu ver, visa exatamente a esconder todo o aspecto ameaçador, persecutório em que vivemos. Temos que diferenciar submissão de opção, o desejo de poder do sentimento de responsabilidade; diferenciar o que é de fato uma escolha de uma inevitabilidade decorrente de limitações e tantas situações outras. Por exemplo: se o jovem permanece com a família porque os pais não o querem estudando fora de casa, esta é uma submissão ou uma opção? Acredito que, se ele quer realmente sair, se confia nos seus recursos para enfrentar a nova vida, ele não fica em casa. Este “uso” que fazemos do outro expressa, principalmente, uma grande fragilidade, sem contar a violência subjacente. E no processo educativo, quando os pais estabelecem as limitações aos filhos, estão simplesmente usando do poder paterno, ou as limitações se fazem necessárias para a própria saúde mental do filho? Nós estamos vendo que a necessidade dos limites e a dificuldade em impô-los é uma questão atualíssima



dentro da família e fora dela. O que é ser tolerante, ou ser benevolente, ou ser responsável?

Sempre que aceito meus limites fico tranquilo porque me encontro e posso então ser generoso para comigo mesmo. O superego exigente só existe porque sou ruim para mim mesmo, querendo de mim o que não posso dar. Tolerância, aceitação e acolhimento preciso ter para comigo mesmo. Mesmo o analista, se não for tolerante para consigo próprio, como pessoa e como analista, nunca poderá exercer bem sua tarefa e ter prazer com seu empenho.

Trágico, para os gregos, e para nós, hoje, é termos que conservar o que não pode ser perdido. Temos que nos descobrir e o que descobrimos são nossas limitações, nossa dependência. A paciente fala desesperada: “Estou com raiva de meu filho que não faz lição, não cuida das coisas da escola” – o difícil é ver sua tristeza pela incapacidade do filho. E também sua impotência. E o paciente: “Não aguento minha mulher, que explode em ameaças e acusações todo dia”. Ele sabe que o que a faz explodir é uma sensação de desamparo que a leva a este desesperado pedido de socorro. Ele pode atendê-la e, no entanto, nada faz, porque é assim que ele se sente valorizado.

Reiteradamente afirmamos que os jovens hoje não veem significado, ou não dão importância ao que estão recebendo como legado cultural e entendemos que isto significa desprezo pela tradição, pela história familiar e grupal. Ao lado deste desrespeito pelo que recebem, existiria também uma falta de metas, de valores a serem perseguidos. Quando o individualismo é forte, a cultura da solidariedade tende a desaparecer, com certeza estamos projetando no outro o desinteresse e a depreciação que está existindo dentro de nós. Por outro lado não podemos esquecer que é extremamente desconfortável ou mesmo doloroso não encontrarmos o significado de uma vivência, ou de um acontecimento.

Se não há coerência e se medidas têm que ser tomadas para que as novas gerações tenham outro viés de observação e de adequação ao mundo, estas medidas não cabem a nós na condição de psicanalistas. O fundamental é que estejamos atentos para oferecermos nossa colaboração e para organizarmos e construirmos novos conceitos e novos critérios teórico-clínicos. Não podemos ficar interpretando estes fenômenos sociais como retrocesso ou descontinuidade – há uma situação presente a ser conhecida, compreendida e alcançada no seu significado. Tudo que vemos hoje e que nos parece tão incoerente pode não ser e, ao contrário, pode ter uma fantástica coerência, se pudermos ver de um outro vértice. Vejamos um exemplo, o vestuário feminino – ele é ridículo, absurdo, imoral etc., ou ele é perfeitamente coerente com a maneira de pensar e de agir de nossa época? Atualmente a roupa pode ser tão exígua que deixa à mostra quase todo o corpo,



num excesso como nunca antes ocorrera. Mas é perfeitamente coerente com a vivência da sexualidade nos nossos dias. Talvez a roupa feminina seja mais verdadeira hoje no sentido de que a sexualidade está muito presente e não se tem que fazer de conta que não é importante, ou que precisa ficar escondida. E a roupa masculina, cada vez com mais conotação feminina ou detalhes tão femininos, ela não expressa exatamente a não diferenciação que nos nossos dias fazemos do que é próprio do homem e do que é da mulher? Estas mudanças no vestuário não me parecem apenas uma excentricidade; elas incomodam porque representam uma forma de linguagem e estão expressando algo importante.

E eu gostaria de trazer, então, uma outra possibilidade de visão e de compreensão dos fenômenos atuais. Money-Kyrle, no seu texto *O medo da insanidade* (1977), refere-se a um “zelo proselitista”, do perverso, do psicótico, do viciado – é o desejo das pessoas insanas de tornarem insanas as outras pessoas. O comprometimento psíquico ocorre quando a parte má, dentro de nós, conquista e subjuga as partes boas – fazemos isto com os outros também. Mas Money-Kyrle traz outra possibilidade: não haveria aí o desejo de que os outros possam compreender a agonia e o terror de ser louco?

Temos que nos deter nisto. Quando hoje observamos o que ocorre em nossa cultura, principalmente com os jovens, fica evidente o desespero, o desamparo, o caos interno. Muitas vezes temos a sensação de que eles querem permanecer “loucos” e querem nos enlouquecer. Mas de que sofrimento exatamente eles estão “falando”? Será o desespero de quem está se sentindo exigido demais? Ou se sentindo enganado!

Será que não poderíamos pensar em um certo tipo de *enactment*? O jovem, hoje, não estaria atuando o que a sociedade consumista quer que ele seja? Não estariam eles se defendendo e até denunciando algo muito sério que a sociedade capitalista está produzindo, ou deteriorando? Quando Money-Kyrle fala do “zelo proselitista” como um pedido de socorro, não poderíamos ver aí o pedido de socorro urgente dos jovens, aparentemente tão egocêntricos, tão narcisistas, tão autossuficientes e, na verdade, tão desamparados? Outros autores, como Bion, têm nos mostrado, e a prática confirma, que o interjogo projeção-introjeção, além de seu aspecto defensivo, é também uma forma importante de comunicação.

Então vejamos: do vértice cultural, o que vivemos no dia a dia, aquilo a que estamos expostos todo o tempo tem um significado coerente? Acho que, bem ao contrário, a falta de significado válido, realmente humano, ocorre na maioria das vezes. O avanço tecnológico não criou uma sociedade mais justa, mais igualitária; podemos até questionar se na verdade ele não trouxe uma acentuação das diferenças, diminuição das oportunidades e depreciação do ser humano como



tal a favor da valorização dos bens de consumo, dos valores concretos. E o mais terrível é não sabermos *de quem* ou *a quem* temos que nos queixar ou *contra quem* temos que nos opor. Há um poder invisível nos manipulando. Invisível, mas perfeitamente identificável.

Não dá para afirmarmos que o ambiente é o nosso maior constritor, ou que é a violência interna que mais nos fragmenta, que nos desintegra. Com certeza ambos os aspectos estão sempre presentes, mas esta constatação não elimina as perguntas: e por que é assim, pessoas de um mesmo ambiente sendo tão diferentes nas suas respostas às dificuldades? O que são *características inatas*? O que é o *constitucional*? As diferentes respostas mostram que, mesmo entre os psicanalistas, não existe uma única maneira de pensar estes aspectos todos, o que, por outro lado, não tem impedido que continuemos nosso trabalho e nossas buscas.

Nossa tarefa como psicanalistas é a procura dos significados. A psicanálise resgata valores e recursos humanos valiosos. Nessa busca pela significação, o melhor *holding* é uma interpretação. A interpretação nada mais é do que um meio de levar o paciente a um melhor contato com a realidade, seja quando apontamos a severidade de seu superego, seja quando mostramos sua dificuldade em lidar com os aspectos destrutivos internos, sempre os responsáveis pelas nossas angústias. O superego extremamente exigente do início da vida é muito violento. Objetos internos irracionalmente exigentes distorcem até nossa visão ética: a confusão de valores ou a anulação de valores humanos fundamentais ocorrem sempre que a realidade de nossa condição humana não é aceita ou não é compreendida. Custamos para descobrir que não somos deuses, nem precisamos ser; na verdade somos seres lindos predestinados a crescer, a lutar, a nos desenvolvermos sempre – este é nosso destino. O que não tem limite é o crescimento e, paradoxalmente, é a aceitação de nossos limites a melhor expressão de crescimento. Crescemos quando aprendemos a respeitar a realidade.

Como diz o Franco Filho (2009): “Sempre atrás de um sofrimento vamos encontrar um ego tentando conciliar dois funcionamentos mentais: o do Princípio do prazer e o da Realidade” (p. 184). O individualismo falsamente construído por um sistema artificial de necessidades coloca as pessoas em conflito. Temos que estar atentos à maneira como as gerações mais jovens estão detectando e reagindo a este mal-estar social. Se estes movimentos ou estas condutas não trazem gratificação, ou se elas são falsamente gratificadoras e estão predominando é porque elas expressam algo mais sério a que precisamos estar atentos.

Eles realmente acreditam que a busca do prazer sensorial e o recurso à analgesia (o desejo de abolir a dor) trazem prazer, enquanto que a vivência emocional compartilhada só acarreta sofrimento? Esta distorção não combina



com a natureza humana e, portanto, não pode ser fácil de ser vivida. E também não pode ser uma opção! A mim parece mais a saída possível no momento.

E esta não poderia ser uma nova maneira de processar o movimento em direção à posição depressiva, na medida em que os obstáculos, sendo tão extraordinariamente maiores, obrigam a um contorno gigante para se chegar ao crescimento ou às mudanças necessárias para o crescimento?

Quando Viñar (2002) chama nossa atenção para a permanente ressignificação do mundo interno que ocorre por toda a vida e em decorrência de uma causalidade multifatorial e complexa, parece que não podemos mais falar do indivíduo fechado em si mesmo e confinado a uma causalidade inconsciente decorrente apenas das relações objetais primitivas. Se a maneira de pensar está diferente, se nossos referenciais como família, trabalho e sexualidade mudaram, temos que estar atentos, já que, como coloca ele, por acaso a realidade exterior é exterior ao psiquismo? E desde que existe um nexos entre cultura e psicopatologia, temos que examinar melhor estes desvios atuais que estão nos surpreendendo.

Temos que nos lembrar sempre: “Mudanças sociais, políticas e culturais determinam mudanças no pensamento, e tais mudanças são a solução realizada pelo presente para os conflitos e as contradições do passado” (Chaui, 1994, p. 83). As soluções de hoje são o resultado de acontecimentos muito sérios que não estamos podendo, ainda, compreender bem.

Não acredito em opção, em jeito de ser, em ausência de compromisso, em escolhas mais fáceis que creditamos às novas gerações. Somos humanos, com características que não escolhemos, mas que nos diferenciam e nos definem. E estas características incluem a preocupação com o outro e, portanto, com o mundo em que se vive. Prefiro pensar que estes jovens, assim como os não tão jovens de hoje, expressam mais do que simples comodismo ou acomodação; eles são o resultado de acontecimentos infelizes de vários tipos e estão nos dando, com sua conduta, uma resposta e fazendo uma chamada importante.

Curiosamente os movimentos ecológicos atuais representam uma preocupação com o planeta que não existia antes. E não existia porque não sabíamos da importância do que usufruímos e dos riscos que nossa postura ignorante poderia trazer. Mas, a partir do momento em que os perigos ficam evidentes, há uma mobilização magnífica que encontra eco geral. Proponho a pergunta: por que nossas observações e nossas descrições das condutas das novas gerações, na maioria das vezes, têm um teor tão crítico e depreciativo? Por que estas observações não são acompanhadas das mesmas preocupações e mobilizações que os riscos ecológicos provocam? Espero que possamos aceitar o desafio de nos determos nestas questões. Se pudermos alcançar um melhor conhecimento



destes fenômenos, vamos ter melhores recursos para uma atuação mais produtiva e gratificadora. □

## Abstract

### **The two principles of mental functioning**

Since Freud's 1911 classical text up to the present time, the body of theoretical psychoanalytic knowledge has significantly enlarged, which strengthens our clinical practice. However, the social, cultural, and mind changes have been both surprising and challenging to psychoanalysts. Individualism, or the escape from shared emotional experience, has become increasingly more evident which has not and has not reduced psychic suffering. One of the possibilities presented is to see the apparently uncommitted behavior of our adolescents not as a manifestation of apathy or lack of interest, but rather of protest and a desperate call for help.

Keywords: Reality. Pleasure. Internal world. External world. Defense mechanisms.

## Resumen

### **Los dos principios del funcionamiento psíquico**

Desde el texto clásico de Freud de 1911 hasta hoy, el cuerpo teórico psicoanalítico se ha ampliado mucho, lo que fortalece nuestra actuación clínica. Pero las transformaciones socioculturales y de mentalidad han sido sorprendentes y desafiantes también para nosotros, psicoanalistas. El individualismo o la fuga de la vivencia emocional compartida se han acentuado, lo que no ha disminuido el sufrimiento psíquico. Una de las posibilidades que nos ocurre es la de mirar el comportamiento aparentemente descomprometido de nuestros jóvenes, no como apatía o desinterés y sí como una protesta y un pedido desesperado de socorro.

Palabras llave: Realidad. Placer. Mundo interno. Mundo externo. Mecanismos de defensa.



Suad Haddad de Andrade

---

## Referências

- CHAUI, M. (1994). *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática.
- FRANCO FILHO, O. M. (2009). A civilização do mal-estar pela felicidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 43, n. 2, p. 183-192.
- FREUD, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1938). Esboço de psicanálise. In: *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 23. Rio de Janeiro: Imago.
- KLEIN, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p. 17-43.
- \_\_\_\_\_. (1952). Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p. 85-118.
- MONEY-KYRLE, R. (1977). *O medo da insanidade*. [S.l.]: [S.n.].
- ROCCA, E. G. (2000). A psicanálise na sociedade pós-moderna. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 7, n. 1, p. 65-70.
- VIÑAR, M. N. (2002). A psicanálise e o mundo de hoje: mudanças e permanências. *Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, v. 5, p. 11-20.

Recebido em 05/03/2011

Aceito em 30/03/2011

### Suad Haddad de Andrade

Av. Presidente Vargas, 2001/128  
14020-260 – Ribeirão Preto – SP – Brasil  
e-mail: suadandrade@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA